

Morreu Cristóvão de Aguiar, um dos maiores do século XX

O escritor açoriano Cristóvão de Aguiar, natural do Pico da Pedra, Concelho da Ribeira Grande, morreu Terça-feira aos 81 anos, em Coimbra.

Considerado um dos melhores escritores do século XX, Cristóvão Dias de Aguiar nasceu a 8 de Setembro de 1940, no Pico da Pedra, e era uma referência da literatura, com um longo percurso iniciado em 1965 com a publicação do livro de poesia “Mãos vazias”.

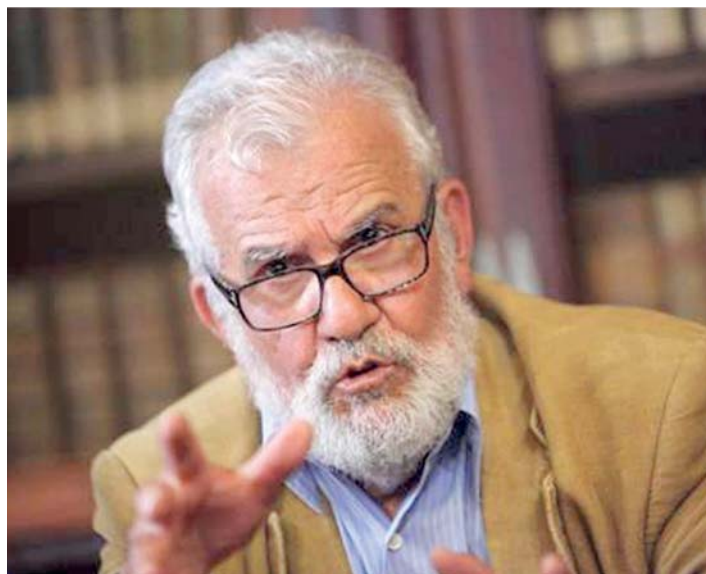
Na sua vasta obra literária, destacam-se a trilogia romanesca “Raíz Comovida”, “O Braço Tatuado” (onde relata a sua experiência como combatente na Guiné durante a Guerra Colonial) e “Relação de Bordo”, conjunto de diários que abrange os anos de 1965 a 2015.

Traduziu ainda “A Riqueza das Nações”, de Adam Smith, numa edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

Cristóvão de Aguiar venceu, entre outros, o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa, o Grande Prémio de Literatura Biográfica da Associação Portuguesa de Escritores/Câmara Municipal do Porto e o Prémio Literário Miguel Torga/Cidade de Coimbra.

Distinto por diversas instituições e em várias áreas, Cristóvão de Aguiar foi, em 2001, agraciado com a Ordem do Infante D. Henrique.

O escritor recebeu também a insígnia Autonómica de Reconhecimento da Região Autónoma dos Açores e a medalha de mérito municipal do Concelho



de Ribeira Grande, de onde é natural, tendo o nome da sua grande obra, “Raíz Comovida” sido atribuída a uma rua na sua freguesia do Pico da Pedra.

Ao longo de 40 anos de vida literária foi também homenageado pela Reitoria da Universidade de Coimbra, através da edição de uma publicação onde é reconhecido como um escritor de mérito.

Cristóvão de Aguiar foi, ainda, home-

nageado pela Universidade do Minho e pela Secretaria Regional da Cultura dos Açores, por ocasião dos 50 anos de vida literária, com a edição das suas obras completas entre 2015 e 2020.

Numa nota enviada às redacções, o Presidente do Governo Regional dos Açores, José Manuel Bolieiro, lamentou a morte do escritor açoriano, reconhecendo que a Região “perde muito” com

a sua morte, mas valorizando o “legado” que fica através da sua obra (ver notícia na última página).

Mensagem do Presidente da República

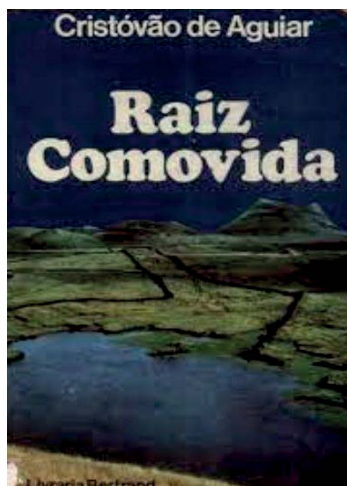
Em comunicado, o Presidente da República lembrou a sua obra integralmente reeditada nos últimos anos, que mereceu diversos reconhecimentos nos Açores e prémios como o Grande Prémio de Literatura Biográfica da Associação Portuguesa de Escritores.

Recordou igualmente que Cristóvão de Aguiar recebeu também as insígnias de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

“Açoriano de São Miguel, estudou Filologia Germânica em Coimbra, e nessa mesma universidade foi leitor de Língua Inglesa. Redator e colaborador da revista Vértice, publicou coletâneas de poemas, ensaios e livros de ficção, dando nos seus romances, como a trilogia “Raíz Comovida”, testemunho das comunidades açorianas, da emigração e da guerra na Guiné, onde combateu”, é referido na nota.

O Presidente da República destacou ainda “Relação de Bordo, o seu projecto literário mais duradouro, um diário onde ao longo de meio século (1965-2015) deixou, à maneira de Torga, as suas impressões pessoais e o seu comprometimento cívico”.

“Raíz Comovida” está a ser traduzido para inglês



lhores romances do século XX.

O autor faz uma viagem fantástica aos seus tempos de criança e jovem no Pico da Pedra, relatando, em ficção, histórias de gentes, acontecimentos e instituições populares, que são um hino à literatura portuguesa.

O seu conterrâneo, do Pico da Pedra, Onésimo Almeida, considera-a uma obra de primeira classe na literatura portuguesa, tendo-a saudado quando foi publicada, com um escrito no suplemento “Cultura”, do Diário de Notícias (19 de Outubro de 1978), mais tarde republicado no livro “Homenagem a Cristóvão de Aguiar. 40 Anos de Vida Literária”, organizado por Ana Paula Arnaut (Coimbra: Faculdade de Letras, 2005), pp. 36-39.

Esse primeiro volume está a ser traduzido por David Brookshaw, professor aposentado da Universidade de Bristol (Reino Unido), tradutor de Raul Brandão e de Mia Couto.

Onésimo Almeida encomendou o projeto para a série de livros açorianos em tradução inglesa, Bellis Azorica, a publicar na Tagus Press.

Tanto Mar

A Cristóvão de Aguiar, junto do qual este poema começou a nascer.

Atlântico até onde chega o olhar.

E o resto é lava e flores.

Não há palavra com tanto mar

como a palavra Açores.

*Manuel Alegre
Pico 27.07.2006*

Cristóvão de Aguiar deixa uma obra notável, em que, provavelmente, a de maior referência é a trilogia “Raíz Comovida”, considerada como um clássico da literatura portuguesa e um dos me-